

CONSELHO DE CLASSE E O LUGAR DO AFETO NA RELAÇÃO EDUCADOR E EDUCANDO

Dayse Carla Rodrigues de Macedo Mattos; Márcia Maria Rodrigues Tabosa Brandão

Colégio de Aplicação - Universidade Federal de Pernambuco

daysecmattos@yahoo.com.br

marcia.brandao@capufpe.com

Resumo: Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa que teve como objetivo compreender a repercussão de uma ação educativo-pedagógico, fundada pelo afeto, em colaborar para o processo formativo dos educandos de uma turma da 3ª série do Ensino Médio do Colégio de Aplicação – UFPE. Os procedimentos/instrumentos para coleta de dados foram a análise documental e a observação participante, ambas interpretadas pela técnica da análise de conteúdo. Os resultados indicam que o fazer pedagógico fundamentado pela afetividade mobiliza a manifestação dos pensamentos e dos sentimentos pelos educandos e reverbera numa energia que leva ao desenvolvimento das distintas dimensões do ser humano. Sobressai no conselho de classe o protagonismo dos sujeitos escolares, notadamente, dos educandos em refletir sobre formas de (re)configuração das práticas, enquanto experiências formativas e profissional docente.

Palavras-chave: Afeto, Conselho de Classe, Ensino-Aprendizagem

Introdução:

Com o advento da LDB Nº 9.394/96, é possível observar, por parte dos educadores, um movimento de abertura para refletir o processo formativo na perspectiva da promoção do pleno desenvolvimento do educando, em detrimento apenas do avanço dos aspectos cognitivos atrelado a compreensão de conteúdos curriculares preestabelecidos. Segundo as DCNEB (2013), tal finalidade embasa-se por uma concepção teórico-educacional que toma o educando em suas múltiplas dimensões: intelectual, afetiva, ética, estética, física, política, social e profissional e colabora para ressignificar a dinâmica institucional, bem como as relações estabelecidas entre os sujeitos escolares.

Ganha relevo nesse cenário de reestruturação, o protagonismo do conselho de classe em dinamizar o projeto pedagógico da escola, com o fomento do conhecimento sobre os fazeres e saberes educativos, embasado na concepção de homem, de sociedade e de educação, contida nesse documento, por meio da ação dialógico-interativa (BRANDÃO, 2016).

O conselho de classe apresenta-se, na visão de Dalben (2004), enquanto instância colegiada, consultiva, deliberativa e avaliativa da aprendizagem dos educandos, das práticas de ensino dos educadores, assim como dos objetivos, da adequação da organização curricular, das metodologias, dos critérios e instrumentos adotados.

No que tange a composição do conselho de classe, Brandão e Silva (2014) consideram essencial uma ação avaliativa que envolva ativamente todos os sujeitos escolares, dentre eles, educadores, educandos e equipe pedagógica, em termos de possibilitar (re)definições do fazer

pedagógico. Nesse contexto, tais sujeitos refletem na e sobre a prática, a partir de ações individuais e coletivas, visando à formação humana e profissional docente.

Há de se destacar, nos diferentes fóruns escolares de discussão, a pertinência de implicar os educandos em avaliar de forma aprofundada e sistemática a dinâmica escolar, assim como os aspectos didático-pedagógicos referentes à atuação de todos os envolvidos nesse processo. Ressalta-se atual e pertinente a desconstrução da ideia de atuação coadjuvante por parte desses sujeitos, inclusive, focar a repercussão para o processo de aprendizagem de uma relação entre educadores e educandos com base no afeto.

No contexto da sala de aula, de acordo com Morales (1999), os resultados não-intencionais, ou seja, o que se ensina/aprende sem querer, tem grande relevância para o processo pedagógico e evidencia um estilo diferenciado de relação entre educadores e educandos. Isto porque, ensinar nesse modelo, compreende muito mais do que uma ação consciente de construção de conhecimentos curriculares, requer do educador ainda maior atenção ao que se é em sua maneira de se relacionar com o educando. Nesse caso, o círculo potencializador da relação estabelecida entre ambos se dá, não pelo que o sujeito faz para o outro, mas pelo que o sujeito percebe do outro, ou seja, as condutas do sujeito influenciam na percepção que o outro tem de sua relação com o sujeito. Categoricamente, nessa relação, o sujeito não é de fato como é, e sim como é percebido pelo outro.

Tal relação pode se tornar ainda mais significativa à medida que se leva em conta o momento de fechamento de um ciclo de aprendizado, devido a conclusão da Educação Básica, por mobilizar uma gama de sentimentos, dentre alguns deles, medo, alegria, alívio, tristeza, pela perspectiva de iniciar um novo nível de ensino - a Educação Superior - com novos sujeitos e dinâmica institucional. Em razão disso, desafia os educadores a pensar novas maneiras de ser, de estar e de fazer no âmbito da Educação Básica, sobretudo, em desenvolver uma postura mediadora, dialógica e solidária em relação aos estudantes e o objeto de conhecimento.

Em função do exposto, estabelecemos como objetivo deste estudo: compreender o impacto de uma ação educativo-pedagógico, alicerçada pelo afeto, em ampliar à expectativa que o educando tem em relação a aprendizagem e consequente sucesso escolar, em especial, no período de conclusão da Educação Básica, uma vez que fatores não intelectuais - valores, sentimentos, emoções e atitudes - podem ter papel preponderante nesse processo formativo.

Sendo assim, este artigo apresenta os resultados de um estudo de natureza qualitativa, tendo por base a análise documental de relatórios dos conselhos de classe do ano letivo 2017, construídos por educandos de uma turma da 3ª série do Ensino Médio, no Colégio de Aplicação

- UFPE e a observação participante na elaboração dos referidos documentos e nas reuniões bimestrais.

Metodologia:

Para a realização da referida pesquisa optamos pela abordagem qualitativa, por permitir o trabalho com o nível de realidade não quantificável, devido ao reconhecimento do âmbito educacional enquanto espaço visceral das relações, das ações, dos processos e dos fenômenos humanos, disponibilizando elementos para análise e compreensão dos dados levantados na esfera dos significados, intenções, valores, crenças, atitudes (MINAYO, 2010).

Utilizamos como procedimentos/instrumentos para coletar os dados, a análise documental e a observação participante. Na análise documental, o material selecionado ainda não passou por tratamento científico (SÁ-SILVA; ALMEIDA e GUINDANI, 2009), e se faz necessário a triagem dos elementos significativos para a pesquisa, a organização das informações, a análise interpretativa, por fim, a produção de inferência (SOUZA e MENANDRO, 2007). Na perspectiva de Marques (2016), a observação participante pode colaborar para que o pesquisador se questione sobre como pretende direcionar a pesquisa, bem como permite a compreensão aprofundada a respeito dos processos educativos e de que modo atuam nesse contexto seus sujeitos.

Realizada a escolha e análise preliminar do material documental, recorreremos a análise de conteúdo, considerada um conjunto de técnicas de análise das comunicações objetivando inferir sobre conhecimentos referentes às condições de produção e recepção do conteúdo das mensagens (BARDIN, 2011).

Resultados e discussão:

Considerando o que propõe o Projeto Político Pedagógico do CAp - UFPE (2015) a respeito do conselho de classe, o documento indica que essa instância é constituída por membros da comunidade escolar que debatem aspectos do processo de ensino e de aprendizagem com a finalidade de (re)pensar os objetivos de aprendizagem pretendidos.

Nessa lógica, o referido documento nos ajuda a compreender o que define essa instituição para o processo pedagógico e como tais proposições repercutem na forma como o conselho de classe se delinea e efetiva no cotidiano, tal como, de que forma esses sujeitos significam e orientam suas práticas.

Destacamos que ao longo do ano letivo são realizadas cinco reuniões ordinárias do conselho de classe, dentre elas, um conselho de classe prognóstico, três conselhos de classe de

acompanhamento¹ e um conselho de classe para efeito promocional dos alunos.

Como já ressaltado na introdução do artigo, tomamos como foco de análise três relatórios dos conselhos de classe de acompanhamento elaborados por educandos de uma turma da 3ª série do Ensino Médio. Salientamos que a construção desse documento ocorre em meados de cada um dos primeiros bimestres letivos, em ocasião da avaliação voltada para como se desenvolveu o processo ensino-aprendizagem no referido período, mediada por uma orientadora educacional com formação em Pedagogia ou Psicologia, no horário reservado para a Orientação Educacional². Essa prática avaliativa, em que se privilegia a voz dos educandos, ocorre desde o ingresso no 6º ano do Ensino do Fundamental até a conclusão do Ensino Médio. Durante os sete anos de convívio dos educandos nesse lócus, é possível que os educadores tenham tido a oportunidade de acompanhar por mais de um ano letivo a mesma turma, o que pode acentuar a intensidade das relações afetivas estabelecidas.

Tal documento é levado para o conselho de classe de acompanhamento, onde é lido pelos educandos, na presença dos educadores e equipe pedagógica, para fins de socialização. Posteriormente, são tecidas considerações sobre a possibilidade de rever/reafirmar práticas, posturas e rotinas escolares. Referendam tal forma de avaliar Davis e Oliveira (1994, p.84), quando afirmam que:

Para que a interação professor-alunos possa levar à construção de conhecimentos, a interpretação que o professor faz do comportamento dos alunos é fundamental [...]. Além disso, o professor necessita compreender que aspectos de sua própria personalidade - seus desejos, preocupações e valores - influem em seu comportamento, ao longo de interações que ele mantém com a classe.

Além de mediar a elaboração do documento citado, enquanto pesquisadoras, observamos que esses momentos, envolvendo situações de interação humana, não são estáticos. Sempre existem manifestações do aprender e da afetividade com características importantes que podem expressar avanços/entraves e desperta, em especial, a necessidade de pesquisar sobre o diálogo e a relação de troca por parte de tais sujeitos nessa dinâmica escolar.

Para tanto, foram selecionadas as avaliações de dois educadores que denotaram ter estabelecido vínculo e ressonância afetiva com a turma. Cabe também apontar que os educandos são estimulados a se perceber enquanto protagonistas e nessa relação, também atribuem a si a responsabilidade e o investimento na referida disciplina, conforme trecho a seguir:

Em seu segundo ano com a turma, Professor X continua apresentando os

¹Exclusivamente nos conselhos de classe de acompanhamento há a participação dos educandos.

² Apenas as 3ª séries do Ensino Médio não possuem horário reservado para Orientação Educacional, que realiza tal atividade em ocasião de cedência de aula por alguma disciplina.

conteúdos de forma clara e dinâmica, contando com boa participação dos alunos e alunas durante as aulas. A relação professor-aluno [...] se desenvolve muito bem e a turma envolve-se com a disciplina e com os debates em sala. Além disso, acreditamos que a abordagem [...] feita pelo professor, que se preocupa em trazer temas atuais para as discussões, relacionando-os com os conteúdos trabalhados, é de grande importância para nossa formação (PROF. I - RELATÓRIO DO CONSELHO DE CLASSE - I UNIDADE).

Nesse trecho fica patente o reconhecimento do educador como aquele que está atento a fase vivida pelos educandos, é destacado o seu envolvimento durante a proposição das atividades, além da disponibilidade e proximidade com a turma nessa relação. Também é identificada a sua preocupação com o conteúdo ministrado em sala, para além do cumprimento do currículo, propondo assim temáticas da atualidade cogitadas de serem abordadas no ENEM. Tal preocupação se dá pelo reconhecimento do impacto desse exame para a maioria dos educandos, isto é, um rito de passagem: saída da Educação Básica e entrada no Ensino Superior, para os que desejam dar continuidade a vida estudantil. Com tudo que esse novo traz, ter a possibilidade de se sentirem acolhidos nessa fase, apazigua bastante a angústia e o medo da não aprovação nesse exame.

De acordo com Kieckhoefel, (2011, p.2538):

Nesse olhar, o professor que compreende e valora a presença da afetividade nas relações de aprendizagem tem maiores possibilidades de tornar-se inesquecível aos seus alunos, seja pelos saberes que professa, seja pelo exemplo que é. Logo, a prática pedagógica ganha com essa forma sábia de conceber o ato educativo.

Portanto, nessa complexa teia de relações, o educando consegue ter a dimensão do quanto esse sujeito educador se dedica à troca de conhecimentos, reconhecendo que tal postura certamente tem influência em sua formação. Nesse sentido, o afeto, muitas vezes, regula as ações, influenciando na escolha dos objetivos específicos e na valorização de determinados contextos, ou eventos pelo indivíduo. Vejamos no trecho abaixo como esse aspecto se delinea na prática:

Professor X conseguiu apresentar as temáticas com profundidade, de forma diversificada, com slides, fichas, fotografias e trechos de documentários. A relação professor-aluno continua a se desenvolver muito bem, e o grupo envolve-se com a disciplina e com os debates propostos em sala. A turma gostaria de agradecer ao professor a atenção às solicitações do bimestre passado, e por tê-las acatado, além de se mostrar sempre preocupado em associar as temáticas estudadas com a conjuntura atual, o que nos traz importantes reflexões para nossa formação como cidadãos (PROF. I - RELATÓRIO DO CONSELHO DE CLASSE - II UNIDADE).

Ao percorrer toda essa trajetória para a conclusão da Educação Básica, esse turma reflete o quanto a escuta atenta e o acompanhamento nessa fase, traz à tona as emoções. De acordo

com Freire (1996, p. 45), o que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser educado, vai gerando coragem. Nesse sentido, a turma exterioriza seus desejos e suas vontades no trecho abaixo:

[...] Consolidamos, nesse pouco muito tempo, uma intimidade invejável, uma relação construída sobre muitas conversas, muitos abraços, muitas discussões... Enfim, muito carinho! X. tem uma vibe massa, relax, e faz com que tudo: conteúdos, provas, aulas, debates, filmes (ops, filme não tem), ocorra de forma fluida e leve. Professor X consegue - com sua sutileza e maestria - envolver 28 cabeças jovens, agitadas e um pouco perdidas, nas discussões das aulas, e inspira o espírito reflexivo-crítico para tudo. Se mostra sempre atento as nossas angústias, aflições ou reclamações, postura que julgamos ser extremamente importante e necessária, especialmente num ano em que esses sentimentos são, em muitas vezes, os que predominam. Professor X sempre se mostrou disposto a construir uma relação que transcendesse a sala de aula e ficasse pra história, e por isso somos muitíssimo gratos. (PROF. I - RELATÓRIO DO CONSELHO DE CLASSE - III UNIDADE).

No relato, há a manifestação clara pelo grupo de como se sente e dos tensionamentos provenientes das mudanças características da fase da adolescência em que se encontra. Conforme Wallon (2007), as emoções trazem a manifestação da afetividade, e é a partir das relações estabelecidas entre os sujeitos que se torna possível a sua expressão, fazendo delas instrumentos de sociabilidade.

O contágio das emoções é um fato já muitas vezes assinalado. Decorre de seu poder expressivo, sobre o qual se fundaram as primeiras cooperações de tipo gregário, e que incessantes intercâmbios e, sem dúvida, ritos coletivos transformaram de meios naturais em mímicas mais ou menos convencionais.

O relato ainda revela o quanto esse momento de vida afeta e fragiliza o grupo, requerendo da(s) figura(s) de apego uma postura acolhedora e incentivadora para que cada um dos educandos prossiga com seu(s) projeto(s), além contribuir para formação de valores por esses sujeitos cidadãos. Colabora com tal assertiva Bowlby (1998), quando afirma que o apego é produto da atividade de sistemas comportamentais que visa a conservação do contato e da proximidade entre pessoas. Com o transcurso do seu desenvolvimento, na adolescência e na vida adulta, a pessoa pode ampliar ou mesmo alterar os vínculos afetivos, para além da figura materna, contemplando pessoas da mesma idade, ou mesmo uma pessoa adulta.

Pensando no tempo e na qualidade da relação estabelecida, observamos a singularidade do educador quando demonstra comprometimento e abertura com a turma, refletindo na capacidade do grupo de se autoavaliar. Desse modo, pode se projetar, bem como, perceber-se: o eu no outro. Consoante com esse entendimento, Davis e Oliveira (1994, p.85) destacam que:

A motivação humana deve ser compreendida na relação entre os aspectos cognitivos e afetivos da personalidade, ambos largamente dependentes do meio social. A motivação está ligada a autoconsciência do indivíduo (seus ideais, seus projetos, sua visão de mundo) e também aos aspectos inconscientes de sua personalidade.

No processo de interação, não raro, são pontuados aspectos que impactam diretamente na forma como o grupo responde a algumas propostas ou acordos estabelecidos no decorrer do bimestre. No trecho a seguir ilustraremos os entraves que podem surgir, quando essa energia é represada:

A professora Y apresentou o conteúdo de forma contextualizada e aprofundada, sempre preocupada quanto ao entendimento da turma, e respondendo atenciosamente todas as dúvidas. Devido aos vários imprevistos ocorridos, a nossa programação previamente estabelecida pela professora foi prejudicada. Apesar disso, o calendário foi reorganizado de modo a não comprometer a conclusão do assunto.

A turma vem se sentindo pouco confortável em determinadas situações de muita rigidez e cobrança, e acredita que a flexibilização e diálogo são a melhor forma de suprir quaisquer necessidades. Reconhece, ainda, que por vezes os alunos se mostram dispersos, com conversas paralelas que acabam por atrapalhar o rendimento das aulas. Apesar disso, a relação entre a professora e os alunos vem sendo construída de forma saudável e esperamos que esta relação se estreite cada vez mais ao longo do ano. (PROF. 2 - RELATÓRIO DO CONSELHO DE CLASSE - I UNIDADE).

Nessa lógica, observamos que houve por parte do grupo desinvestimento no processo de aprendizagem, o qual pode ser identificado pela perda do comprometimento e da atenção na disciplina, o que reverberou num descompasso quanto ao andamento das aulas. Pontuamos que nesse caso, foi preciso abrir um canal de comunicação entre a turma e a educadora, com a mediação da orientadora, para que esses afetos pudessem ser nomeados e com isso, melhor elaborados. As falas expressas durante o conselho de classe possibilitaram reflexões, acordos e encaminhamentos sobre a prática de sala de aula.

Para Bock (2002), os afetos servem de parâmetros para valorar situações que ocorrem na vida, tal como prepara nossas ações e possíveis reações. Ainda de acordo com a autora, os afetos estão ligados a consciência, o que nos permite comunicar o que sentimos, expressando, por meio da linguagem nossas emoções. Vejamos o trecho a seguir:

Neste bimestre, Y apresentou de maneira interessante o diálogo entre conteúdos da disciplina. A professora mostra-se preocupada em responder as dúvidas e facilitar a compreensão dos conteúdos por parte da turma. O modo de avaliação [...] é bem recebido pelos alunos. A relação entre a professora e a turma desenvolve-se de maneira amigável e esperamos que assim continue nos próximos bimestres... (PROF.2 - RELATÓRIO DO CONSELHO DE CLASSE - II UNIDADE).

A partir da expressão das emoções chegou-se a consciência do que impedia o avanço da

relação, bem como dos rebatimentos na aprendizagem dessa disciplina. Fica em evidência, o reconhecimento da mudança de postura e também da troca entre ambos: favorece-se a assimilação dos conteúdos e possibilita outros recursos para avaliação do que foi apreendido.

Segundo Lane (1999), a questão de reprimir as emoções não é tão simples, pois podem produzir efeitos negativos como agressão e violência. Ao mesmo tempo, quando existe a consciência clara da emoção sentida, ocorre a busca de canalizá-la positivamente. Esse relato contempla tal linha de pensamento:

Y demonstra preocupação com relação ao entendimento do conteúdo por parte dos estudantes e se empenha quanto à variação de métodos avaliativos. [...] apesar dos obstáculos enfrentados [...] deixou para os grupos a oportunidade de debater todo o processo e posteriormente contribuir para o aprimoramento da experiência [...]. Agradecemos à Y a incrível oportunidade de aprender [...] com interesse e muita curiosidade. [...] beijos para uma professora dedicada e inesquecível. PROF.2 - RELATÓRIO DO CONSELHO DE CLASSE - III UNIDADE).

O relato reflete a pertinência da compreensão de Freire (1996, p. 47) quando declara que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Desse modo, cada um em sua singularidade, seja na forma de pensar, agir e sentir vai imprimindo suas diferenças. Viver essa diversidade de modos de ser e de conviver, leva a constante possibilidade de aprender e ensinar. Educador e educando precisam retomar suas relações e acordos sempre.

Conclusões:

A reflexão sobre a relação educador-educando, embasada pela perspectiva da afetividade, nos revela o quanto a aprendizagem e a afetividade estão intimamente ligadas e repercutem positivamente para o processo de desenvolvimento humano. Nesse contexto, o fazer pedagógico ao contemplar a troca de saberes, permeada pela afetividade, leva os sujeitos a manifestarem o que pensam e como se sentem, desencadeando assim, uma energia que mobiliza o desenvolvimento de suas distintas dimensões.

Cabe assim destacar, como bem anuncia Freire (1987), que a amorosidade se concretiza nas relações de ensino e de aprendizagem pautadas pelo diálogo e respeito, resultando em aprendizagem como humanização pela vivência de valores e acolhimento do outro. No âmbito escolar, mas especificamente o conselho de classe, fomenta, notadamente, os educandos a (auto)avaliação. Tal possibilidade de interação afetiva ganha ainda maior visibilidade nas reflexões pelos sujeitos escolares, momento propício para (re)configuração de práticas, enquanto experiências formativas, visando o pleno desenvolvimento do educando.

Por fim, acreditamos na pertinência de desenvolver novos estudos que possam aprofundar essa temática considerando o constante olhar sobre a prática em reverberar na formação docente, bem como na qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

Referências:

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odaír; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi.

Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. reform. E ampli.- São Paulo: Saraiva, 2002.

BOWLBY, John. **Apego: natureza do vínculo**. vol.1, 3. ed. São Paulo: Martins Afonso, 1998.

BRANDÃO, Márcia M^a Rodrigues Tabosa. Conselho de classe nas representações sociais de professores da rede municipal do Jaboatão dos Guararapes. 2016. 184f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17746>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

_____; SILVA, Viviane Alves de Lima. Contributos do conselho de classe para a formação dos professores no âmbito da gestão democrática. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E INCLUSÃO - CINTEDI, 2014, Campina Grande. **Anais eletrônicos...** Campina Grande: UECG, 2014. p. 1-14. Disponível em: <<https://slidex.tips/download/introducao-no-contexto-das-mudanas-nas-formas-da-gestao-e-organizacao-do-trabalho>>. Acesso em: 04 set. 2018.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Secretaria de Educação Básica. MEC, SECADI, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em: 02 set. 2018.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (Lei Nº 9.394/96). Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 28 agos. 2018.

CAP UFPE. **Projeto Político Pedagógico do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco**. Recife, 2015. Disponível em: <<http://cap.ufpe.br>>. Acesso em: 24 de agos. 2018.

DALBEN. **Conselhos de classe e avaliação: Perspectivas na gestão pedagógica da escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2004. Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico.

DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma, Moraes Ramos de. **Psicologia na Educação**. 2. ed. revisada. São Paulo: Cortez, 1994. Coleção Magistério: Formação do professor.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura.

KIECKHOEFEL, Josiane Cardozo. As relações afetivas entre professor e aluno. In: X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 10., 2011, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: PUC, 2011. p. 2533-2543. Disponível em: <educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5202_2668.pdf>. Acesso em: 05 set. 2018.

LANE, Silvia T. Maurer; ARAÚJO, Yara (orgs). **Arqueologia das emoções**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MARQUES, Janote Pires. A observação participante na pesquisa de campo em Educação. **Educação em Foco**, ano 19, n. 28, p. 263-284, mai./ago. 2016. Disponível em: <<http://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/1221>>. Acesso em: 01 set. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, São Leopoldo, ano 1, n. 1, p. 1-15, jul. 2009.

SOUZA, Lídio de; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. Pesquisa documental em psicologia: a máquina do tempo. In: RODRIGUES, Maria Margarida Pereira; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. (orgs.). **Lógicas Metodológicas**: Trajetos de Pesquisa em Psicologia. Vitória: UFES - Programa de Pós-graduação em Psicologia/ GM Gráfica Editora, 2007. p. 151-174.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Coleção Psicologia e Pedagogia.